

MARÉ DE CIÊNCIA NA COP30

Para fechar nossa série “Maré na COP30”, vamos surfar essa onda poderosa entre oceano e clima, e descobrir como a cultura oceânica pode acelerar o caminho rumo a um futuro mais sustentável e resiliente. Porque quando a gente entende o oceano, os ventos sopram a nosso favor.

2025: O ANO EM QUE O OCEANO INVADIU A COP E FEZ ONDA

Bora lembrar o que é a Conferência do Clima: a *grande reunião de condomínio da Terra*. É quando todos os países sentam na mesma mesa pra tentar combinar como não superaquecer o planeta — construindo passos com base na ciência pra alcançar metas de acordos que eles mesmos assinaram lá atrás, tipo o Protocolo de Kyoto e o Acordo de Paris. Já que tá todo mundo ali, aproveitam pra fechar novos acordos, renovar promessas, lançar estudos fresquinhos e lembrar que crianças, jovens, indígenas, povos tradicionais, população negra e mulheres também têm muito a dizer.

Claro que, sendo conversa entre países, não tem como esperar paz e amor o tempo todo. As negociações e acordos dependem do cenário político — e agora está tudo meio turbulento, com guerras, disputas de interesse e negacionismo científico atrapalhando o rolê. Um verdadeiro *BBB geopolítico*, só que sem prêmio no final.

Pra deixar a experiência ainda mais emocionante, a COP virou um multiverso: Zona Azul, Verde, Amarela, Livre, da Baixada... Cúpula dos Povos, das Infâncias... Casa da Ciência, Vozes do Oceano... É evento científico, educativo, cultural, político, artístico — tudo acontecendo ao mesmo tempo, camada em cima de camada, um volume de informação capaz de causar um bug no cérebro de qualquer pessoa.

Depois de anos com o oceano ficando no rodapé das discussões, ele ocupou mesas, debates, anúncios e até hashtags. Se antes a COP parecia uma reunião de condomínio sem piscina, agora o oceano entrou, ocupou espaço e lembrou todo mundo que, sem ele, não tem clima, não tem planeta, e não tem futuro. Por isso, o Maré na COP30 trouxe pra vocês um apanhado do que rolou na Zona Azul — dos acordos gerais que sacudiram a COP30 até as discussões que finalmente deram merecido destaque para o oceano.

REALIZAÇÃO:



PARCEIROS:



COP30: ONDAS QUE AJUDAM O OCEANO A NÃO JOGAR A TOALHA

Quando o assunto é clima, tudo deságua no mesmo lugar: no oceano. E a COP30 trouxe uma onda de decisões que, juntas, ajudam o oceano a continuar fazendo seu trabalho de manter o planeta vivo (e relativamente fresco).

Logo na largada, o presidente Lula abriu a Cúpula dos Líderes destacando a Amazônia Azul e lembrando que a saúde das florestas depende do oceano — e vice-versa. Ou seja: o oceano entrou no centro da conversa antes mesmo da COP começar pra valer.

A União Europeia chegou com um anúncio quase terapêutico para o oceano: cortar 90% das emissões até 2040. Menos carbono significa menos aquecimento, menos acidificação — mais fôlego para corais, peixes, algas e até para as baleias, que finalmente podem respirar sem suspirar de exaustão (e nós também, claro!).

O Fundo Florestas Tropicais para Sempre (TFFF) também entrou em cena com força: mais de USD 6,7 bilhões e 63 países apoiando a proteção das florestas. E, spoiler: floresta saudável é oceano saudável. Florestas tropicais armazenam carbono, regulam chuvas, evitam erosão e mantêm os rios correndo pro mar como deveriam. É floresta em pé, oceano saudável e clima supimpa! É um trio tão afinado que poderia até sair em turnê.

Teve ainda o Fundo para Perdas e Danos, que lançou seu primeiro edital de US\$ 250 milhões para ajudar países que mais sofrem com enchentes, secas, ressacas e outros desastres climáticos. Quando comunidades vulneráveis conseguem adaptar suas cidades costeiras, evitar erosão, reduzir poluição e manter práticas sustentáveis que ajudam o mar a continuar saudável, o oceano agradece — e devolve com serviços ambientais que valem ouro.

Pra fechar, o novo Plano de Ação de Gênero reforça o papel de mulheres indígenas, afrodescendentes, ribeirinhas, rurais e tantas outras que já estão na linha de frente da proteção ambiental. São elas que mantêm muitos territórios terrestres e costeiros de pé — e que, na prática, seguram a onda na conservação do oceano.

No fim das contas, nenhum desses acordos foca exclusivamente no oceano, mas todos ajudam o oceano a continuar fazendo o que faz de melhor: regular o clima, garantir alimento, fornecer oxigênio e evitar que a gente vire pipoca no forno global.

REALIZAÇÃO:



PARCEIROS:



MARÉ DE CIÊNCIA NA COP30

OCEANO NA COP30: CAPÍTULOS DE UMA NOVELA AZUL

Nas negociações, depois de anos fazendo figuração, o oceano entrou com tudo na COP30.



Depois de anos aparecendo só como figurante atuando como um cenário bonito, o oceano finalmente virou **personagem principal** nas negociações da COP30. Ao final, o que saiu de consenso é o tal Pacote de Belém, que são 29 decisões aprovadas por consenso, que você pode saber mais [aqui](#). Entre anúncios, pacotes, fundos, coalizões e até ferramentas novas pra cobrar governos, o mar saiu de Belém com mais moral que protagonista de novela das nove. Aqui vai o resumo desse enredo azul-turquesa:

REALIZAÇÃO:



PARCEIROS:



MARÉ DE CIÊNCIA NA COP30

O oceano virou VIP da COP

De forma inédita, a presidência da COP30 indicou 29 pessoas como **Enviados Especiais** para temas diversos (7 Enviados internacionais e 22 Enviados nacionais). Pela primeira vez, o oceano foi tema central, com direito à sua própria **Enviada Especial**, Marinez Scherer, que trabalhou meses antes da COP articulando governos, sociedade civil, cientistas e setor produtivo. Resultado? A Marinez articulou soluções, organizou diálogos e levou o “Currículo Azul”, *Escolas Azuis e propostas de adaptação baseadas no oceano* direto para o centro das negociações. Foi a primeira vez que o oceano entrou com crachá de VIP.

Uma COP Com Tudo Integrado

Ciência, população tradicional, setor produtivo e governança trabalhando juntos. A COP30 formalizou que gestão oceânica não é só biologia marinha: envolve economia, justiça climática, cultura, arte e tecnologia. O oceano virou assunto transversal — não mais “tema opcional”.

O dia em que as NDCs ficaram salgadas

Brasil e França puxaram o bonde e lançaram o **Desafio NDC Azul**, reunindo 17 países para colocar “soluções baseadas no oceano” dentro das metas climáticas nacionais. Manguezais, algas, marismas, recifes e zonas costeiras finalmente foram reconhecidos como **superpoderes climáticos capazes de entregar até 35% da redução global de CO₂ até 2050**. Se o oceano fosse funcionário, ganharia promoção e aumento.

O Pacote Azul (a vaquinha mais ambiciosa do mar)

Foi aprovado o **Pacote Azul**, que pretende mobilizar **US\$ 116 bilhões por ano até 2030** para restaurar ecossistemas marinhos, proteger 30% das águas do planeta, fortalecer pesca e turismo sustentáveis e **acelerar a expansão de energias renováveis no mar** — incluindo eólica offshore, hidrogênio verde e outras tecnologias que reduzem a dependência de **petróleo e gás**. Tradução: o oceano finalmente ganhou orçamento pra fazer o trabalho que já faz há milhões de anos, só que agora com foco em tecnologias que não acabam com o clima.

Economia Azul Regenerativa: emprego, mar e futuro

Governos anunciaram novas ações baseadas no oceano para acelerar a implementação climática. A estrela foi a **Parceria Oceano**, criando **Paisagens Marinhas Regenerativas** — áreas inteiras dedicadas a recuperar ecossistemas e gerar desenvolvimento sustentável. Meta: canalizar **US\$ 20 bilhões** e criar **20 milhões de empregos** até 2030. É o oceano virando motor econômico — e não só destino de férias.

REALIZAÇÃO:



PARCEIROS:



MARÉ DE CIÊNCIA NA COP30

Descarbonizando o Porto e o Mar

O Brasil lançou o **Comitê de Descarbonização do Transporte Marítimo** para reduzir emissões do setor. É uma guinada fundamental: o transporte marítimo é um dos grandes emissores globais, e cortar esse carbono ajuda diretamente a frear a acidificação e o aquecimento do oceano.

A Liga da Biodiversidade Marinha

Teve também reforço na proteção de ecossistemas marinhos. Um dos destaques foi a **Coalizão Corais do Brasil**, que quer:

- restaurar **30%** das áreas degradadas até 2030;
- ampliar proteção dos principais recifes;
- atrair investimentos pra conservação.

É quase uma força especial para salvar um dos “jardins tropicais” do oceano.

As novas “ferramentas de cobrança”

A COP30 criou mecanismos para garantir que compromissos com o mar não fiquem só no discurso. Entre eles:

- **Painel Global de Implementação** para acompanhar promessas oceânicas;
- **Kit técnico** para ações costeiras e biodiversidade marinha;
- **Integração do oceano nos relatórios climáticos obrigatórios.**

Agora dá pra saber quem está surfando e quem está só fazendo cara de paisagem.

Acordo Interministerial Para Cuidar das Orlas

Um acordo interministerial no Brasil juntou Gestão e Inovação, Meio Ambiente, Turismo, Cidades e Integração e Desenvolvimento Regional para modernizar a gestão das praias e áreas ribeirinhas. O antigo *Projeto Orla* virou **Programa Orla**, com governança compartilhada para integrar planejamento urbano, conservação, turismo sustentável, defesa civil e participação comunitária. Na prática significa: menos erosão, menos enchente e ressaca surpresa, mais ecossistemas costeiros protegidos, e comunidades participando das decisões. É a praia que a gente quer e precisa — bonita, viva e resiliente.

Oceano Sem Plástico, Por Favor

Durante a COP30, o Brasil lançou sua **Estratégia Nacional Oceano Sem Plástico** — um marco essencial para reduzir o lixo marinho, proteger a biodiversidade e melhorar a saúde das áreas costeiras. Menos plástico no mar = ecossistemas mais funcionais, pesca mais saudável, cidades mais limpas.

REALIZAÇÃO:



PARCEIROS:



MARÉ DE CIÊNCIA NA COP30

CLIMA, CIÊNCIA E UM OCEANO DE RECADOS IMPORTANTES

A COP30 trouxe uma onda de estudos fresquinhos — todos dizendo a mesma coisa, alto e claro: sem oceano saudável, o clima desanda. A boa notícia? Já temos bússola, mapa e vento a favor. Esses estudos ajudam a apontar o rumo certo pra virar a maré e garantir um oceano saudável segurando o clima no lugar.


Primeiro, o relatório anual dos **Campeões do Clima + ONU Clima** mostrou que estamos avançando... mas ainda tropeçando na beira d'água.

O lado bom?

As Áreas Marinhas Protegidas dobraram desde 2015, o manejo costeiro integrado está ganhando espaço e o mundo começa (finalmente!) a pensar o oceano com estratégia, ciência e participação social.

O lado "precisamos conversar"?

O oceano está esquentando como nunca, o branqueamento de corais ameaça 25% da vida marinha, manguezais seguem desaparecendo, e só **13% das iniciativas climáticas globais** focam em ecossistemas marinhos. Pra piorar, **menos de 1% do dinheiro do clima** vai para o oceano. É quase bullying orçamentário.

 Mas tem solução à vista: manguezais, marismas e pradarias marinhas poderiam cortar até **35% das emissões necessárias** pra segurar a temperatura do planeta em 1,5 °C acima do normal. Ou seja: a natureza já sabe o que fazer — falta o mundo botar ficha nisso.

Tivemos também um estudo global sobre empregos na nova economia mostrando que a transição climática não é só urgente — **ela é uma máquina de contratar gente:**

- **375 milhões de novos empregos** na economia de baixo carbono;
- **+ 280 milhões** nas ações de adaptação climática.

E um recado-chave deste estudo é que não dá pra falar de futuro verde e azul sem formar gente preparada pra ele. E é aqui que o Brasil dá um salto digno de campeonato com centenas de Escolas Azuis espalhadas pelo país. Essas escolas estão formando uma nova geração com cultura oceânica e know-how técnico para atuar na economia verde e azul.

REALIZAÇÃO:



PARCEIROS:



MARÉ DE CIÊNCIA NA COP30

Pra fechar, o Maré lançou um estudo novinho em folha mostrando que o clima no Brasil anda... instável. Frentes frias, ciclones e outros extremos já atingiram **232 municípios**; os eventos recentes dispararam mais de **200%** (e até 1800% em alguns casos!); e os ciclones são responsáveis por **94% dos danos**, somando mais de **R\$ 2,74 bilhões**. Tradução: o Brasil precisa se mexer — rápido — ou o clima vai continuar virando o enredo mais caótico do horário nobre.



REALIZAÇÃO:



PARCEIROS:



O OCEANO BATE À PORTA DA ESCOLA — E A EDUCAÇÃO NAVEGA JUNTO

O Ministério da Educação mandou o recado na lata: sem educação de verdade, não existe consciência climática com alicerce firme. A sala de aula — com equidade, inclusão e acesso garantido — é onde nascem as ideias que vão guiar um futuro sustentável. Para reforçar isso, o ministério apresentou a Política Nacional de Educação Ambiental Escolar (PNEAE) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE). Ambos prometem turbinar a educação ambiental e a alimentação saudável nas escolas do país. E, empurrando essa onda com tudo, vêm as Escolas Azuis e o projeto Currículo Azul no Brasil — iniciativas que aumentam os esforços para garantir um oceano saudável, uma população segura e um futuro resiliente.

♥ **Escolas Azuis: o primeiro passo pra transformar a relação com o mar**

Nascida em Portugal e já nadando forte no Brasil, a Escola Azul é o empurrãozinho que faltava pra colocar o oceano no centro da conversa — mesmo pra quem mora tão longe da praia que só conhece o mar pelo mapa ou pela TV. A ideia é simples e poderosa: levar cultura oceânica para dentro da escola, despertar consciência, afiar a criatividade e mostrar que o mar influencia a vida de todo mundo, até de quem só conhece o litoral por foto ou novela.

Na prática, funciona assim: estudantes, professores e a comunidade escolar inteira mergulham (metaforicamente!) em projetos que conectam o oceano à realidade local, desenvolvem pensamento crítico e despertam vínculos afetivos com esse gigante azul que mantém o planeta funcionando. Tudo isso dentro da escola — porque falar de oceano não é penduricalho, é parte da alfabetização planetária.

E o Brasil está surfando essa onda como ninguém: já são **675 Escolas Azuis em 26 unidades federativas**, o maior número do mundo. Uma maré que só cresce!

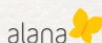
■ **O Currículo Azul: quando o oceano vira matéria obrigatória**

O Brasil saiu na frente e mostrou pro mundo como se faz. Com reconhecimento da UNESCO, o MCTI e o MEC se juntaram para construir, de forma participativa, o Currículo Azul — uma proposta que coloca a cultura oceânica dentro dos currículos escolares de norte a sul, de leste a oeste. A missão é direta: formar cidadãos que entendam, de verdade, por que o oceano importa — do clima à biodiversidade, da sustentabilidade às escolhas do dia a dia.

REALIZAÇÃO:



PARCEIROS:



MARÉ DE CIÊNCIA NA COP30

E tem um marco histórico nessa história: em 2021, o Brasil se tornou o primeiro país a formalizar uma proposta curricular voltada ao oceano, com a adesão oficial da rede municipal de educação de Santos. Foi a primeira cidade do mundo a ter uma lei que tornou a “Cultura Oceânica” parte do currículo — um passo gigantesco pra mostrar que oceano não é tema extra, é conhecimento essencial.

E o reconhecimento já veio: a iniciativa foi destaque no 7º Prêmio Espírito Público. Uma prova de que ensinar sobre o oceano não é modinha — é uma demanda urgente. E o Brasil está puxando essa onda.

Navegando pelos conteúdos do oceano

Com o Currículo Azul dando a estrutura da educação oceânica e as Escolas Azuis espalhando cultura oceânica na prática, essas iniciativas estão acelerando a entrada de valores, conhecimentos e atitudes que colocam o oceano no centro do pensamento ambiental e social, **integrando-o nas diferentes disciplinas**. Surfando nessa maré de inovação, as escolas podem — e devem — trabalhar temas como:

- A conectividade dos ecossistemas (manguezais, recifes, marismas, costões, praias, dunas, restingas, planícies estuarinas, florestas, montanhas, desertos) e seus serviços para a vida e o clima;
- Ciências do oceano e mudanças climáticas: aquecimento, acidificação, regulação climática pelo oceano, adaptação e resiliência climática;
- Economia: pesca e turismo responsáveis, agronegócio, energia renovável, bioprospecção, biodiversidade e uso consciente dos recursos;
- Governança costeira e justiça social: valorização de comunidades tradicionais, populações costeiras, igualdade de acesso, participação local e inclusão;
- Consumo consciente, lixo marinho e poluição: redução de plásticos, resíduos, saneamento, hábitos sustentáveis e educação ambiental;
- Engajamento, cidadania oceânica e projetos práticos: restauração de habitats, monitoramento ambiental, educação comunitária e protagonismo juvenil.

Com isso, a Escola Azul — e seu Currículo Azul — tem tudo para ser uma ponte entre ciência, educação e ação. Formar uma geração com cultura oceânica, consciência ambiental e preparo técnico para atuar na economia verde-azul não é só sonho: é o caminho para a transformação!

REALIZAÇÃO:



PARCEIROS:



MARÉ DE CIÊNCIA NA COP30

O RESUMO DA ÓPERA (OU DO OCEANO)



No fim das contas, as discussões na COP30 deixaram um recado claro: sem oceano saudável, não existe clima que aguarde. O mar é o motor silencioso que regula temperatura, segura CO₂, abriga biodiversidade e sustenta vidas — e já está no limite. Por isso, quando se fala em cortar combustíveis fósseis, investir em renováveis e acelerar a mitigação, estamos falando, direto e reto, de aliviar a barra do oceano.

Na adaptação, ficou claro que países precisam reforçar costas, melhorar alertas e se preparar para um combo de problemas que vêm do mar: nível subindo, erosão aumentando e eventos extremos ficando ainda mais “extremos”. Sem investimento climático, quem sente primeiro são as comunidades pesqueiras, marginalizadas, indígenas e tradicionais — justamente quem mais precisa de apoio.

A discussão sobre justiça climática bateu na mesma tecla: povos costeiros, ilhas e comunidades tradicionais já estão levando a pior com a acidificação, perda de habitats e tempestades intensas. Proteger esses territórios é proteger vidas. E, pela primeira vez, indígenas, afrodescendentes, mulheres e crianças apareceram no centro da agenda — mostrando que conhecimento tradicional e ciência precisam remar juntos.

E tem mais: biodiversidade, comércio e carbono zero só fazem sentido se o mar estiver bem. Isso significa frear pesca predatória, regular cadeias produtivas e apostar em tecnologias limpas.

Resumindo sem rodeios: a COP30 mostrou que não existe solução climática sem cultura oceânica. Proteger o oceano é proteger o futuro.

REALIZAÇÃO:



PARCEIROS:



NAVEGAÇÃO PÓS-COP30: AJUSTE AS VELAS E ATIVE O RADAR AZUL



A COP30 fechou as portas, mas a novela climática continua. Agora começa a parte em que a gente descobre quem vai cumprir o que prometeu, quem vai enrolar e quem vai tentar salvar o planeta “no gogó”.

E o foco? Dois pepinos gigantes:

- 👉 o *mapa do caminho* pra abandonar combustíveis fósseis
- 👉 o *mapa do caminho* pra zerar o desmatamento

Spoiler: nenhum dos dois entrou na Carta de Belém. Então, sim... temos assunto.

🌱 O “Mapa do Caminho” que ficou de fora — e o que isso muda

Como o acordo global não rolou, abriu-se espaço pra uma nova tendência climática 2025/2026: **os mapas paralelos**.

Brasil: prometeu entregar ainda em 2025 dois documentos estratégicos — um sobre fósseis e outro sobre desmatamento. Se vierem bem-feitos, até a próxima COP já teremos uma rota nacional no papel.

Colômbia: foi além e já marcou pra 2026 uma conferência só sobre eliminação de petróleo, gás e carvão. Já tem mais de 80 países de olho nessa mesa de negociações.

Por que isso importa?

Porque esses movimentos podem virar referência global, pressionar vizinhos e criar blocos de ambição climática — ou virar uma salada de planos isolados. Tudo depende de como a coisa evoluir.

REALIZAÇÃO:



PARCEIROS:



CHECKLIST AZUL: **RASTREANDO AS ONDAS DE DECISÕES CLIMÁTICAS**

Agora que sabemos pra onde a maré está puxando, aqui vai o check-list pra navegar nesse pós-COP sem se perder... e, claro, de olho no que vai respingar direto no oceano!

1) Os “mapas do caminho” do Brasil (fósseis + desmatamento)

O que monitorar:

Se o governo entrega, até o fim de 2025, os dois planos prometidos:

- transição dos combustíveis fósseis
- rota para zerar o desmatamento (incluindo ou não as vegetações costeiras — *alô manguezal, alô restinga!*)

Por que importa: Esse pacote precisa amarrar clima, proteção da biodiversidade, redução das emissões e segurança costeira. Se falhar, vira só mais um PDF esquecido na gaveta.

2) Os movimentos paralelos liderados pela Colômbia

O que monitorar:

- A preparação da conferência internacional de 2026 sobre transição energética
- Quais países entram, quem apoia e quem trava o jogo

Por que importa: Sem consenso na COP, essas iniciativas externas podem virar o novo motor da transição energética.

3) O tamanho do oceano dentro desses planos

O que monitorar:

- Se citam adaptação costeira, riscos de erosão e ressacas, proteção de ecossistemas costeiros (manguezais, dunas, restingas, marismas, praias e costões)
- Se abordam energia renovável offshore
- Se incluem vulnerabilidade e direitos das comunidades costeiras

Por que importa: Sem oceano, não tem clima estável. Ponto.

REALIZAÇÃO:



PARCEIROS:



MARÉ DE CIÊNCIA NA COP30

4) 💰 Como (e se) o dinheiro do clima chega nas áreas costeiras

O que monitorar:

- Fundos e editais voltados para cidades costeiras, pesca, adaptação e restauração
- Recursos pra monitoramento ambiental e proteção de habitats

Por que importa: Sem verba, nada anda — e quem pagará a conta serão aquelas pessoas vulneráveis que vivem na beira do mar e a saúde dos nossos ecossistemas marinhos.

5) 🏛️ O avanço de políticas nacionais e locais com foco em clima + oceano

O que monitorar:

Leis e programas voltados a:

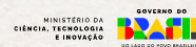
- Educação oceânica
- Proteção e recuperação de ecossistemas costeiros
- Saneamento, infraestruturas verdes e azuis, combate à poluição
- Ordenamento costeiro e economia azul sustentável

Por que importa: A mudança real acontece no município, no estado, na escola, na ponta. Sem política pública, tudo vira só discurso bonito com cheiro de mar, mas sem prática.

ONDE QUEREMOS CHEGAR?

Ficar de olho nessas ondas é garantir que o oceano não vire figurante na novela do clima. Se a maré é de mudança, que a gente ajude a empurrar — e de preferência na direção certa para um oceano saudável, antes que venha outra ressaca pra atrapalhar.

REALIZAÇÃO:



PARCEIROS:



MARÉ DE CIÊNCIA NA COP30

SAIBA MAIS

O podcast **Las Niñas** fez um balanço da COP30 de forma abrangente sobre as negociações em Belém.

<https://www.youtube.com/watch?v=o7HrnmfrYTo>

O **Instituto Linha D'Água** acompanhou a COP30 e compartilhou análises diárias com foco nos povos tradicionais da pesca, territórios costeiros e marinhos.

<https://www.linhadagua.org.br/blog-1>

A **Sitawi Finanças do Bem** fará um evento online gratuito com uma análise sobre a COP30 e o papel da filantropia no dia **09 de dezembro às 14h**. Será um debate em parceria com IDIS, GIFE, Wings e Latimpacto sobre como a filantropia pode acelerar a ação climática no Brasil.

Inscreva-se:

https://info.sitawi.net/pos-cop30?utm_medium=email&utm_campaign=comms_institucional_news_institucional_dezembro25&utm_source=RD+Station#rd-section-mi8vahri

REALIZAÇÃO:



PARCEIROS:

